

OPERAÇÕES DE DEFESA PARAGUAIA NA BATALHA DA TRÍPLICE ALIANÇA: UM ENFOQUE EM “CURUPAITY”

Ferreira, Ramon Vilas Boas¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo explorar a genial Engenharia técnica paraguaia em suas principais Áreas de Defesa construídas nas Batalhas da Tríplice Aliança, analisando os fatos históricos baseado em suas manobras táticas. Nossa intenção é refletir sob o ponto de vista tático defensivo, relacionando-os às condições de combate defensivo também enfrentadas em outras guerras da segunda metade do século XIX e enfatizar o cenário operacional específico da batalha de 22 de setembro de 1866 (Curupaity) em si, explicar o que aconteceu no Campo de Batalha da América do Sul, oferecendo sobretudo, uma avaliação tática sobre as causas da tragédia, respeitando suas limitações e desafios, mas sem esquecer das nuances políticas que a história militar nos exige.

Palavras-chave: Tríplice Aliança, Defensiva, Curupaity, História Militar

INTRODUÇÃO

Depois de 150 anos do início da batalha, a Tríplice Aliança continua sendo o maior conflito militar internacional já ocorrido no nosso continente, no entanto o

conhecimento deste conflito, suas origens, as táticas militares, as relações diplomáticas e inclusive as profundas mudanças ocorridas, embora muito significativas, ainda estão enclausuradas nos círculos das Forças Armadas. Atualmente, já não se justifica mais o afastamento dispensados por parte dos acadêmicos à História Militar e de guerra, deixando o canto, como se fosse um subproduto de outras formas de escrita da História, ou mesmo como se fechassem os olhos para vários conflitos militares que tomaram e tomam o mundo ou até mesmo aos altos gastos militares manipulados por praticamente todos os governos, para não mencionar os que mais tomam decisões que afetam o destino de todo o planeta.

O olhar sobre o Paraguai, por sua vez, tem como objetivo explorar o sua Engenharia Técnica na área de Defesa realizada principalmente na Batalha de Curupaity, e analisar os fatos relacionados com maneabilidade desta batalha, enfatizando a partir do ponto de vista tático (relacioná-lo com as condições de combate de outras guerras da segunda metade do século XIX) e do teatro de operações da Batalha de Curupayti em si, explicando o que aconteceu no campo de batalha da América do Sul, e oferecendo

¹2º Sgt Inf - Licenciado em História - UEPG e Pós Graduado em Neuroaprendizagem - AVM Faculdades Integradas (ramonvboas@yahoo.com.br)

observação do aspecto operacional.

Paraguai lutou quase sempre em desvantagem, após a derrota na batalha fluvial do Riachuelo, onde a esquadra paraguaia composta de oito navios mercantes guerra armado foram abatidos e destruídos pela esquadra brasileira formada por dez canhoneiras fluviais com “ mecanismos adequados, armamento superior, e mais rápido” decidiu pela estratégia defensiva, escolhendo a fortaleza de Humaitá como o eixo da defesa do território paraguaio. E por isso fortificou o Rio Paraguai, em Curuzu, Curupayti e outros pontos estabelecendo uma rede de defesa de todos os lugares possíveis onde poderia chegar até aquela fortaleza como indica De Ramon (1993).

A nação Guaraní sofreu seis longos anos de guerra (1864-1870) e somando-se a isso mais outros de ocupação militar (1769-1878), mas isso não era apenas por possuir um líder de estado inconsequente, mas por contar com uma talentosa equipe de engenheiros, derivada de uma abertura do sistema político, econômico e tecnológico encabeçada por Carlos Antonio López, o qual levou a frente medidas para a modernização tecnológica, o que proporcionou à contratação de cerca de 188 engenheiros, a maioria de origem britânica, que realizaram a construção de oficinas para a construção de máquinas e fabricação de armas como afirma Pla (1984).

A OFENSIVA PARAGUAIA EM TUIUTI

Iniciada a Guerra da Tríplice Aliança com a Invasão paraguaia a Corrientes e ao Império do Brasil, tendo uma vez fracassada essa, a estratégia do presidente Francisco Solano Lopez foi estritamente defensiva. A Fortaleza de Humaitá foi o centro do dispositivo defensivo, e o engenheiro britânico Thompson estava a cargo das fortificações e começou a fortalecer os pontos fortes de Curuzú e Curupayty, edificações muito importantes para garantir a o êxito

pretendido. Entretanto, os brasileiros tomaram de assalto a Fortaleza de Curuzú cujas obras de defesa ainda estavam incompletas.

A Batalha de Tuiuti foi um confronto armado entre as forças paraguaias contra os aliados em um marco da Guerra da Tríplice Aliança. Aconteceu em 24 de Maio de 1866, como resultado do ataque do exército paraguaio ao campo aliado estabelecido em uma área seca cercada por pântanos conhecida como Tuyuti dentro do território paraguaio.

Com esta tática ofensiva, Lopez pretendia inclinar a guerra a seu favor, e para isso chamou a maior quantidade possível de soldados para desferir um golpe decisivo na maior parte do exército aliado estabelecida Tuyuti, com o objetivo final de negociar a paz com aliados e forçar sua retirada do território paraguaio.

Desde então, sem condições humanas para vencer a céu aberto, restou a Solano Lopez somente resistir entrincheirado em sua triple fortificação (Fortaleza Curuzu, Curupayti e Humaitá) na esperança de desgastar as forças inimigas.

Após a batalha de Tuiuti, os Aliados avançaram lentamente em direção ao norte, enfrentando uma série de linhas defensivas ao redor do campo ocupado pelos exércitos adversários.

Como primeira nação que encarou trincheiras de construção como uma estratégia defensiva, meio século antes da Primeira Guerra Mundial, o Paraguai teve de enfrentar o comandante Mitre, que derrotou reservas dez mil homens trazidos pelo Visconde de Porto Alegre e, em seguida, decidiu por atacar as baterias do Forte Curuzu e Curupayti, alinhando sua posição de Humaitá às margens do rio Paraguai.

AS TÁTICAS DE DEFESA EM CURUZU

Forte Curuzu da mesma forma como o Forte de Curupayty, constituiu-se em uma defesa para a frente da Fortaleza de Humaitá. Este complexo defensivo

paraguaio controlava o acesso por via fluvial a capital, Assunção. Durante a batalha, como prova da força defensiva, ele afundou o couraçado brasileiro “Rio de Janeiro” e muitos outros navios da Marinha Imperial com a utilização de minas flutuantes.

A história mostra que quando um país mais fraco é atacado por uma força naval poderosa, contra a qual não pode oferecer resistência direta, (devido falta de meios navais adequados), a nação atacada muitas vezes recorrem a natureza puramente defensiva dos procedimentos, tais como emprego **minas flutuantes**. Isso foi o que fez os russos durante a Guerra da Crimeia (1854), assim como os rebeldes do sulistas durante a guerra civil dos Estados Unidos (1861), e os paraguaios, depois da destruição de seu esquadrão durante o combate de Curuzú, Curupaiti e Stream (1866).

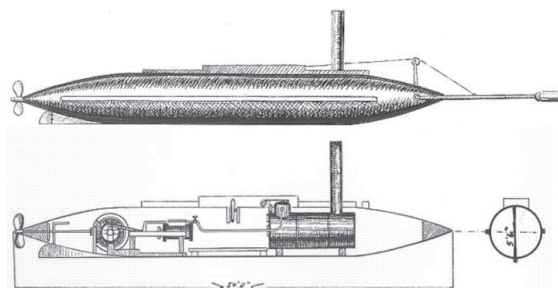
Os rios correm para o mar, de modo que qualquer objeto flutuante deixado livre à mercê da corrente de um rio, é inexoravelmente empurrado para jusante. No Paraguai, quando não estavam em movimento, os navios da frota brasileira encontravam águas abaixo do rio Paraguai. Portanto, os navios aliados tornaram-se alvos naturais de minas flutuantes, lançados no curso superior do rio, foram planejadas para atingir os seus cascos.

Com a eclosão da Guerra Civil Americana, os sulistas, usando técnicas de defesa e não tendo os navios de guerra em quantidade suficiente para atender nortistas, também decidiu recorrer ao uso de minas flutuantes, como haviam feito os russos na Crimeia sete anos antes, um tema amplamente discutido na imprensa a qual tinha dado cobertura à guerra. Nos Estados Unidos, o lado que tinha organizado uma guerra armada foi a do Norte (apelidado de Yanques), que foi usado para impor um bloqueio sobre os principais portos rebeldes. Na Guerra da Tríplice Aliança, que foi praticamente a mesma coisa, após a derrota da frota paraguaia na Batalha do Riachuelo, o

Marechal Solano Lopez decidiu-se então pela guerra de minas.

Para uma melhor compreensão desta questão, destacamos o Solano Lopez, que para se preparar para a guerra, algo que ele vinha fazendo secretamente, tentou contratar vários consultores estrangeiros, entre os quais podemos citar o engenheiro naval e designer de Inglês William Keld Whytehead que se mudou para o cargo de diretor de San Gerónimo Shipyard, localizado em Assunção, o famoso coronel Thompson e ex-tenente do Exército dos EUA (nortista) Thomas H. Bell, que foi encarregado de fazer a minas flutuantes. É curioso notar que, de acordo com dados da revista Marítima Brasileira, o tenente Thomas Bell tinha sido um oficial do Exército do Norte que lutou contra os rebeldes do sul de seu país de origem. Do lado brasileiro, quem ajudou a lidar com a ameaça das minas foi o Tenente James Hamilton túmulo, um ex-confederado (sulista). Portanto, era uma situação um tanto curiosa: um ex-oficial nortista cuja Marinha Nacional sofreu os efeitos devastadores das minas do sul - cerca de 40 navios yankees foram afundados ou seriamente danificado - agora fabricava minas flutuante, que foram lançados contra os navios da Imperial Esquadra Brasileira, cuja defesa teve que trabalhar um ex-oficial da Marinha de Guerra da Confederação, agora a cargo de administrar os meios de proteger dos perigos das minas paraguaias.

Figura 03. Minas Flutuantes



Fonte: Revista Marítima Brasileira

A fim de mostrar o perigo real de minas flutuantes paraguaias, cumpre dizer que

em dois de dezembro no ano de seu lançamento ao mar, o navio de guerra Rio de Janeiro foi atingido por uma mina na qual ele fez um buraco no casco, que ele rapidamente foi para o fundo, levando grande parte da tripulação.

Balanço da Batalha

BATALHA DE CURUZU	
FORÇAS	
PARAGUAI	TRÍPLICE ALIANÇA
2.830 soldados e 13 Canhões	8.385 soldados, 6 encouraçados e 7 Canhões sobre barcos
BAJAS	
832 mortos e 1.300 feridos	213 mortos e 628 feridos totalizando 941 bajas e 1 encouraçado fundido

Fonte: César Cristaldo Dominguez: La Campaña de Humaitá

As tropas aliadas não estavam preparados para um ataque frontal contra as trincheiras paraguaias, o que causou muitas baixas no início do ataque. Finalmente, as tropas atacantes manobraram e começaram a dominar as forças e as trincheiras paraguaias que se tornaram expostas uma falha da organização das posições, compreensível quando das dificuldades na conformação do terreno ou a falta de meios, ficando com a alternativa de aumentar a vigilância nesses casos, o que não atendidas (em uma análise técnica) no primeiro Forte Paraguai. No entanto, até perto do fim da tarde, Diaz conseguiu manter Curuzu sob controle firme. Depois de um combate corpo-a-corpo final.

A vitória dos Aliados em Curuzu, sob a observação do coronel Juan Beverina, do Exército Argentino, citado por Gonçalves revela que a grande largura do fosso paraguai, impediu o fogo direto dos defensores quando os brasileiros chegaram à parede, destaque também o fato de Curuzú estar totalmente fora do “apoio de fogo” da Artilharia, localizado em Curupaiti, e vale ressaltar a falta de uma reserva de infantaria paraguai (ou seja, o núcleo reserva defesa), a fim de aprofundá-la, melhorar um possível contra-ataques, e/ou reforçar ou substituir

os elementos da Área de Defesa na trincheira.

As tropas reserva de Diaz que escaparam do inimigo, apoiadas pelo Apoio de Fogo e por meio das trincheiras escavadas na Área de Trens, correram rapidamente para Curupaity.

A QUEDA DE CURUZU E A GRANDE DEFESA EM CURUPAYTI

Em 22 de setembro de 1866, Bartolomé Mitre, comandante da Tríplice Aliança, mesmo com algumas divergências táticas frente outros generais aliados, ordenou o ataque à posição do inimigo fortificada de Curupayti, segundo o relatório enviado a Julián Martínez, Ministro interino de Guerra, onde ele afirmou ter ordenado o ataque “sobre as linhas de fortificação de Curupayty, armadas por cinquenta e seis peças de artilharia e guarnecida por quatorze batalhões” ... “um total de mais de dezoito mil homens.”. De toda Guerra do Paraguai esta foi a primeira batalha planejada por Mitre e a primeira (e única) executada diretamente por ele.

A queda de Curuzu encheu de otimismo o alto comando aliado. Agora ele acreditava que Curupaity daria passagem para as tropas da Tríplice Aliança.

Curupaty, entretanto, era muito mais preparado do que a Defesa Curuzu. Ainda mais depois que Lopez ordenou a escavação novas trincheiras, com uma diferença considerável em torno delas e adicionando novas peças de artilharia.

Chris Leuchars ao discorrer sobre as qualidades das fortificações de Curupaiti (fosso, parapeito, linha de abatizes, o encharcamento do solo, artilharia pesada, a grande presença de infantaria) que vários autores observam, cita o fracasso dos Aliados para destruir a linha abatizes (principal obstáculo ao assalto da Terra) com artilharia antes de prosseguir. Também observou o fato de que a dificuldade dos paraguaios foi selecionar alvos entre as várias opções que eles tinham para destruir as tropas aliadas.

O principal fosso, o primeiro a ser concluído, era de dois metros de profundidade e quatro metros de largura. A retirada de terras em parapeitos defensivos empilhados dois metros de altura, atrás dos quais noventa armas, que abrange o lado do rio e do lado do banco foram distribuídos. O bordo exterior da trincheira constituída por uma barreira de espessura, abatizes (estacas afiadas) foi erguida utilizando árvores recém-cortadas. O mesmo foi feito na primeira linha. Com as fortes chuvas que se seguiram, esses obstáculos foram escondidos debaixo d'água, tornando-se armadilhas mortais. duas pontes levadiças, bem como calçadões e depósitos de munições subterrâneas também foram construídos.

De acordo com o Barão do Rio Branco, dados da primeira linha de defesa consistiu em um fosso de 12 pés de largura por 10 de profundidade, com o trilho correspondente. A segunda, que foi iniciada pelo engenheiro Wisner von Morgenstern, foi num plano superior e seguiu acima da escarpa natural, ou garganta, que, a partir da margem esquerda do rio Paraguai, vai acabar na Lagoa Méndez o López. Ali, a fenda era de 27 pés de largura e 18 de profundidade.

O terreno que os Aliados tinham de percorrer para alcançar essas trincheiras cortar valas (valas) era coberto com matas e espinhos.

Ainda assim, os aliados alcançaram as primeiras linhas de trincheiras. Soldados e oficiais aliados que participaram neste evento ficaram surpresos. Em primeiro lugar, quando os paraguaios perceberam que a primeira linha era insustentável por mais tempo, retirou-se para defender um perímetro interior, deixando pouco para a conquista aliada. Além disso, apenas em seguida, (e depois de pesadas perdas) os aliados perceberam que havia outra trincheira que precisavam tomar. Após um período de hesitação, veio a ordem de seguir em frente.

Estudante das “estratégias europeias”, Mitre decidiu, então, em um ataque frontal

de baioneta com cerca de 17.000 homens, em seguida, simulou uma retirada para que o inimigo saísse em perseguição, depois virar e vencê-los fora do forte. O que não considerou Mitre, foi, em primeiro lugar, o chão lamacento depois de três dias de chuva que separavam a posição de seu inimigo, e em segundo lugar, que os paraguaios, em vez de ir atrás dos atacantes, olhou como estas refez o pântano com grande esforço. A tropa tinha que ir para o terceiro pântano tempo cheio de cadáveres de seu próprio exército para desalojar a “fortificação”, que terminou em tragédia.

A iniciativa do ataque era diretamente do próprio Mitre, segundo o relatório enviado Julián Martínez, Ministro Interino da Guerra, onde ele afirmou ter ordenado o ataque “sobre as linhas de fortificação de Curupayty, artilharia cinquenta e seis pedaços e guarnecido pro quatorze batalhões “...” um total de mais de dezoito mil homens “(Mitre Cuartel de Cruzú Martinez, 24 de setembro 1866. partidos oficiais - AGM.t.II.p.333).

As duas colunas do ataque principal sofreu desde o momento um fogo intenso da artilharia paraguaia, pois seu funcionamento foi prejudicado pela terra enlameada devido aos três dias anteriores de chuva e ervas daninhas. Entretanto eles conseguiram superar os obstáculos usando uniformes e carregando escadas para este fim e lançou o ataque da trincheira principal, mas foram recebidos com uma lagoa e uma barreira de pântano inacessível que tornou impossível continuar seu avanço.

CONCLUSÃO

A batalha da Tríplice Aliança veio comprovar que na “era industrial”, um Exército não podia mais ser improvisado (técnico, tático, ou diplomaticamente), devido à crescente sofisticação da ciência guerra.

O Brasil não estava preparado para entrar numa guerra, porque, apesar da

baixa densidade de sua população e vasto território na segunda metade do século XIX, ainda tinha um exército mal organizado e muito pequeno. Esta situação, refletia o modo de produção escravista de uma sociedade que marginalizava uma população livre e não proprietária, a qual, portanto, colocava barreiras na formação de um exército com um senso de responsabilidade, disciplina e patriotismo. Além disso, o serviço militar sempre foi visto como um castigo pode ser evitado e recrutamento foi arbitrária e violenta. As tropas utilizadas até agora nos conflitos de prata foram compostas principalmente de contingentes armados de estancieiros, gaúchos líderes políticos e algum dinheiro da Guarda Nacional.

No entanto, vale ressaltar que a Defesa de Curupaity, apesar da “aparente” êxito e do resultado de uma bela peça de engenharia, era uma operação que teve de ser otimizada. Intoxicado pelo heroísmo e otimismo, Lopez fechou os olhos para suas vulnerabilidades e pouco pensou sobre as chances de ser surpreendido pelos flancos, por exemplo. Caxias quando tomou o controle das operações sob as ordens do Imperador, reconheceu o elevado valor das lojas daquelas Fortificações de Campanha e reformou as táticas de guerra: ele participou de construção de uma fortaleza, linhas telegráficas interface essas novas posições. Ao mesmo tempo, (Caxias) lançou um serviço com balões de observação cativos de reconhecimento que veio dos EUA, os quais foram inicialmente operados pelos irmãos Allen, para mapear as posições paraguaias e resolver parte do problema da ignorância cartográfica (uma oportunidade de melhoria observado depois da capitulação em Curupaity) e prevista a construção de pequena ferrovia para realizar suporte de apoio logístico dos pontos fortes adversários infiltrados Curupaity e Humaitá.

Sem dar por terminado avalio que tanto a doutrina Defensiva como Ofensiva da

atualidade aprenderam muito com a herança das batalhas da Tríplice Aliança. Nossos ancestrais, a partir dela viu a grande necessidade de profissionalizar o Exército, com especial atenção para a execução das Teorias Operativas, Logística, e Diplomáticas, sem esquecer a mudança do olhar para a escravidão, ao passo que construíram uma liderança baseada na valorização dos seus recursos humanos.

REFERÊNCIAS

BENTO, CLAUDIO MOREIRA. A Guerra do Paraguai: Um laboratório de Doutrina Militar pouco explorado, 1931-; Idioma: Português, REVISTA MILITAR BRASILEIRA, Acessado em: 20/08/2016, disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/77948-aguerra-do-paraguai-um-laborat%C3%B3rio-de-doutrina-militar-pouco-explorado.html>

DE CARVALHO, ALVANIR B. Encouraçado Tamandaré: O primeiro navio varredor da Marinha do Brasil. Revista Marítima Brasileira / Serviço de Documentação Geral da Marinha. v.130, jul. / set. 2010, Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Trimestral.

DE RAMON, ARMANDO. Ruptura del viejo orden hispanoamericano, História de América, Editorial Andres Bello. Santiago – CH

DONATO, Hernâni. Dicionário das batalhas brasileiras. 2a ed, IBRASA, 1996, ISBN 8534800340, ISBN 9788534800341, 593 pp

DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____ Tentativas de paz na Guerra do Paraguai, Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, n 21, p. 119-131 – 2015.

GONÇALVES, LEANDRO JOSÉ CLEMENTE. Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868,

Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Franca 2009.

LEUCHARS, Chris. To the bitter end. Westport: Greenwood Press, 2002.

ORECCHIA, JOSÈ MARIA OLIVERO. La División Oriental “olvidada” en la guerra de la Triple Alianza. Desde el retorno del general Flores a la repatriación de la División. Octubre

1866 - diciembre 1869 ESTUDIOS HISTÓRICOS – CDHRPyB- Año VII - Julio 2015 - Nº 14 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay

PLÁ, JOSEFINA. Los británicos en Paraguay, Arte Nuevo Editores, 1984, Asunción-PY

THOMPSON, GEORGE: La Guerra del Paraguay. Asunción: RP Ediciones, 2010

RIO BRANCO, Barão do. Efemérides Brasileiras. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.